

IDIOMA 21

A reprodução deste artigo só está autorizada com a indicação completa da fonte: *Idioma, 21*. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro – UERJ, 2001 (http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21_a02.pdf), p. 14-8.

A LINGUAGEM DO FUTEBOL NO BRASIL E EM PORTUGAL

Simone Nejaim Ribeiro (UNESA)

Este trabalho tem como objetivo abordar o vocabulário da linguagem de um dos esportes mais populares do mundo, a partir de uma comparação entre seu léxico no Brasil e em Portugal. Poderemos, com isso, observar que, da mesma forma que este esporte fascina tantas pessoas, o seu vocabulário se incorpora, muitas vezes, a todas as camadas da sociedade.

Em um estudo que envolve aspectos lingüísticos e sociais, é preciso que retomemos a visão de língua como um fato social e, no que diz respeito à linguagem do futebol, é necessário fazermos uma distinção entre linguagem especial e gíria. Para isso, tomaremos por base o artigo de Celso Cunha, "Em torno dos Conceitos de Gíria e Calão", publicado na *Miscelânea de Estudos em Honra de Antenor Nascentes*, em 1941.

Podemos afirmar que nas linguagens especiais encontramos fatores psicológicos e sociais, entre outros, que agrupam as pessoas de acordo com a profissão, a religião, as atividades esportivas, etc. Esses grupos se expressam através do sistema lingüístico comum a todos, fazendo uso de certas particularidades expressivas e representativas desse sistema.

Sabemos que a gíria dá um novo significado a formas já existentes ou alteradas nesse sistema lingüístico comum. O objetivo da gíria é não se fazer entender por quem não pertence a um determinado grupo. Logo, ela pretende manter a identidade e a consciência de um determinado grupo social.

Vejamos o que diz Celso Cunha (1941: 74):

Em todos os grupos humanos organizados, desde o momento em que adquirem a consciência de sua unidade, os que não pertencem ao círculo, os não iniciados, passam a ser vistos como profanos. E é justamente daí que decorre o antagonismo entre a ação uniformizadora da sociedade geral, procurando estagnar a língua, pela resistência da inércia coletiva a toda inovação lingüística, e a ação dos grupos particulares tentando diferenciá-la, principalmente quando se trata de um grupo mais ou menos fechado e autônomo.

Entretanto, ainda segundo Celso Cunha (1941: 75), uma linguagem especial pode passar à gíria

desde o momento em que deixe de ser uma proteção involuntária do grupo, mas no instante em que este, tomando consciência do caráter enigmático de sua linguagem, passe a usá-la voluntariamente, em ocasião oportuna, como arma não só de defesa mas também de ataque profanos.

Assim, toda gíria é uma linguagem especial, mas nem toda linguagem especial é obrigatoriamente uma gíria. Luiz C. Feijó, em seu livro *A Linguagem dos Esportes de Massa e a Gíria no Futebol*, lembra a afirmação de Walther Von Wartburg e Stephen Ulmann, segundo a qual "os desportistas se servem de várias palavras cujo sentido é para nós outros bastante nebuloso". Entretanto, a linguagem usada pelos locutores esportivos de rádio e

televisão pretende agrupar as pessoas a quem são destinadas as mensagens.

Desse modo, já que não há intenção de ser exclusiva de um grupo, a linguagem do esporte não poderá ser tomada como gíria, em sentido estrito. Ateste-se, porém, a posição de muitos estudiosos e teóricos que vêem a gíria como um conjunto de expressões pertencentes ao linguajar popular e aos modismos de certas épocas.

Nas palavras de Luiz C. Feijó, por exemplo, caso concordemos com as posições de Celso Cunha, de Walther von Wartburg e de Stephen Ulmann, não é preciso entender a linguagem especial do futebol como gíria. Se, por outro lado, seguirmos a tendência de considerar a linguagem especial dos esportes um modo de comunicação que se destina somente aos iniciados, que estão a par de seus significados simbólicos, ela será tomada como gíria. A esse respeito, é interessante sua observação acerca do fato de muitas emissoras de rádio e televisão se especializarem em programações esportivas, formando um público especial, que entende os novos termos criados pelos comentaristas e jogadores. Dessa forma, somente este público iniciado entenderia, a princípio, essa linguagem. Ressalte-se porém que, embora inicialmente restrita a um pequeno grupo, muitas vezes ela passa a fazer parte da língua cotidiana. Por isso, é natural a oscilação entre considerar ou não a "língua do futebol" um caso de gíria, pelo menos no que tange às definições técnicas desse termo. Como a gíria está em contato com a língua comum, muitas de suas leis são iguais às da língua comum, com diferenças apenas no léxico.

A esse respeito, convém também recorrer à definição de Mattoso Câmara (1986: 127) para o verbete gíria:

Em sentido estrito, uma linguagem fundamentada num "vocabulário parasita que empregam os membros de um grupo ou categoria social com a preocupação de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes" (Marrouzeau, 1943: 36), o que corresponde ao que também se chama JARGÃO. Os vocábulos da gíria ou jargão coexistem ao lado dos vocábulos comuns da língua: "a gíria só se torna tal porque se projeta num fundo de tela que não é gíria" (Krapp, 1927: 64); ela abrange o vocabulário propriamente dito e a fraseologia. A origem pode estar em: - a) derivações anômalas (ex.: *bestialógico*, da gíria dos estudantes), b) deformação de vocábulos usuais (ex.: *brilharetur*, idem), c) metáforas ou metonímias (ex.: *burro*, idem, para um texto grego ou latino com tradução literal), d) especialmente digna de nota a gíria dos malfeitores, designada como *calão*. Há gírias em classes e profissões não só populares, mas também cultas, sem qualquer intenção de chiste e petulância, que comumente caracteriza as primeiras; mas em todas há uma atitude estilística. Quando se trata de mero vocabulário técnico, sem essa atitude, tem-se a LÍNGUA ESPECIAL, como a dos médicos baseada em helenismos técnicos. Em sentido lato, a gíria é o conjunto de termos que, provenientes das diversas gírias em sentido estrito, se generalizam e assinalam o estilo na linguagem coloquial popular, correspondendo aí ao papel da língua literária na linguagem poética. Amplia-se com o uso de termos obscenos ou pelo menos grosseiros para a expressão de uma violenta linguagem afetiva.

Concordamos, pois, com a opinião de que a linguagem do futebol, se adotarmos um rigor científico, deve ser considerada uma *linguagem especial* (e não *gíria*, o que só pode ser aceito em sentido amplo, sem rigor técnico).

1 – A EXPRESSIVIDADE NA LINGUAGEM DO FUTEBOL

Como podemos observar, ao escutarmos a narração e os comentários dos jogos de futebol, há uma expressividade muito grande nessa linguagem. Isto se deve, em grande parte, ao fato de ela estar relacionada à fala descontraída e cheia de emoção. Devido a estas condições em que é produzida, a linguagem do futebol apresenta muitos *desvios lingüísticos*, que são transgressões às normas da língua padrão. Construções sintáticas como "O Brasil ganhou *da* Itália" ou a criação de termos inusitados como *solucionática* são

exemplos desses desvios, que, na maior parte, fornecem novos valores de informação. Termos como *garrinhear*, *golão*, *pelada*, *folha-seca*, *arquibaldos*, *geraldinos*, *zona do agrião*, *domingada*, *ripa na chulipa*, *pimba na gorduchinha*, *telegrafar a jogada*, etc. são alguns exemplos de desvios na estrutura léxico-semântica citados por Feijó (1994: 34).

Vemos, assim, que estes desvios atuam como um acréscimo ao vocabulário, porque este, segundo o ponto de vista dos meios de comunicação de massa, não apresentaria termos suficientes para satisfazer as estratégias comunicativas do falante. Neste caso, devido ao desgaste, há uma procura por novos termos, substituições, uso de estrangeirismos, tudo, é claro, dentro de um contexto que permita tais transgressões. Devemos considerar, além disso, a cobrança que obriga comentaristas e locutores esportivos a serem originais, levando-os a criar, de alguma forma, modismos e expressões, como algo intrínseco ao processo da comunicação.

É bem verdade que os desvios relacionados a alterações nas regências verbal e nominal e na colocação pronominal não são dos mais expressivos, embora seja importante deixar claro que a valorização de determinadas alterações sintáticas pode levar o ouvinte/leitor a aceitá-las como parte da língua padrão. Some-se a isso o fato de que muitos termos, inicialmente exclusivos do futebol, passaram para o domínio do povo e se incorporaram à língua comum.

Podemos citar, por exemplo, a expressão *deixar / ficar para escanteio*, que passou a ser usada largamente, significando *deixar / ficar de lado*. No futebol, o escanteio é uma penalidade cobrada do canto do campo. Numa analogia com o futebol, passou-se a usar este termo na língua comum.

Estar na marca do pênalti é outra expressão usada no dia-a-dia, significando a única chance de se resolver um problema. Outro vocábulo usado na língua comum, por empréstimo do futebol, é o verbo *driblar*, que significa passar com a bola por um ou mais adversários. Usa-se este verbo em diversas situações quando alguém consegue algo difícil: driblou os concorrentes, driblou os obstáculos, etc.

O próprio vocábulo *gol* passou a ser usado fora do âmbito do futebol. *Marcar um gol* significa, na língua comum, atingir um objetivo, conseguir o que se quer. Curiosamente, a palavra *gol* retoma assim seu sentido etimológico do inglês (**goal** = objetivo, alvo). A expressão *pisar na bola*, que significa perder o controle da jogada ou realizar um péssimo lance, passou para a língua comum com uma conotação moral. Quando alguém *pisa na bola*, é sinal de que fez algo errado, condenável.

Outra expressão criada no campo do futebol, transposta para o domínio popular é *ripa na chulipa*, que tem o sentido de dar um chute forte. Sinônima de *pimba na gorduchinha*, a expressão, hoje em desuso na língua comum, significa ter de fazer algo rápido por falta de tempo, equivalendo à gíria *vapt-vupt*, também recuperada pela linguagem dos meios de comunicação – neste caso um programa humorístico.

Dar zebra é uma expressão criada por um técnico de futebol para expressar um resultado imprevisto, inesperado. Por extensão, é usada fora da linguagem do futebol, com o mesmo sentido. *Zona do Agrião*, expressão criada por João Saldanha, refere-se à grande área, onde ocorrem jogadas importantes para o ataque e para a defesa. Ouvimos muito as pessoas usarem *zona do agrião* para se referirem a uma área ou região crítica, perigosa.

2 – OS TERMOS DO FUTEBOL NO BRASIL E EM PORTUGAL

Vejam, então, alguns termos do futebol em dois países de língua portuguesa, Brasil e Portugal, listando-os e comentando-os. Como sabemos, há diferenças em relação ao léxico entre a língua portuguesa falada no Brasil e em Portugal. É justamente esta diferença que buscamos enfatizar quando comparamos termos do esporte mais popular nestes dois países. A coleta dos termos foi feita com base em importantes jornais dos dois países (O

Globo, Jornal do Brasil, Jornal dos Sports, Jornal do Comércio, O Dia, A Bola e O Mundo Português), dos quais retiramos alguns vocábulos e expressões mais usados.

Começamos pelos termos portugueses e, em seguida, seus correspondentes brasileiros.

1. Alegado-fora-de-jogo = Impedimento

2. Chuto = Chute

Obs.: Este termo veio do inglês **shoot**. Na adaptação para o português do Brasil, ficou chute. Como o fonema final /t/ não fecha sílaba, surgiu um /e/ paragógico, com pronúncia /i/. Em Portugal, surgiu o fonema /o/.

3. Disciplina = Cartões amarelo e vermelho

4. Equipa = Equipe

5. Esférico = Bola

6. Fiscal de linha = Bandeirinha

7. Golo = Gol

Obs.: Assim como o vocábulo *chute*, *gol* vem do inglês **goal**. Na pronúncia brasileira, o fonema /l/ se torna uma semivogal /w/; o plural é /gows/ e grafa-se *gols*. Na pronúncia portuguesa, aparece o fonema /o/ depois do /l/, formando o vocábulo *golo*, com plural *golos*. Observe-se ainda que *gol* é um empréstimo lingüístico muito produtivo na língua portuguesa. Dele, formaram-se, com hibridismo: *goleiro*, *goleada*, *goleador*, *golão*, *golaço*, *gol-contra*.

8. Guarda-valas; guarda-metas, guarda-redes = goleiro, 'quíper'

9. Jornada = Rodada

10. Meias-de-final = Semifinais

11. Melhores marcadores = Melhores goleadores, Artilheiros

Obs.: O termo *marcadores*, no Brasil, se aplica aos jogadores encarregados de *vigiar* o adversário para *tomar-lhe a bola*.

12. Moldura = Baliza, Gol

13. Oitavos-de-final = Oitavas-de-final

14. Pontapé de baliza = Tiro de meta

15. Pontapé de canto, Tiro de esquina, Esquinado = Escanteio, Córner, Tiro de canto.

16. Poste = Pau, Trave

Obs.: O termo *poste* também é empregado no Brasil, embora secundariamente.

17. Quartos-de-final = Quartas-de-final

18. Receita do jogo = Renda do jogo

20. Relvado = Gramado

21. Tempo de compensação = Descontos, Prorrogação

Estes são alguns dos termos e expressões usados nos jornais especializados em esporte e na seção de esporte dos grandes jornais dos dois países. Vemos, com essa

pequena amostra, que alguns estrangeirismos são adaptados de modo variado. O vocábulo **penalty**, por exemplo, é pronunciado diferentemente. No Brasil, é proparoxítono (pênalti); em Portugal, paroxítono. Um estudo mais completo teria, além da consulta aos jornais, a observação das narrações e comentários esportivos feitos em Portugal, a fim de que houvesse uma análise mais eficaz dessa linguagem, cada vez mais popular entre os brasileiros e portugueses.

3 – CONCLUSÃO

Como vimos nesta pequena amostragem, a linguagem especial do futebol é bastante expressiva e, muitas vezes, ultrapassa a esfera das narrações e dos textos referentes a esse esporte. Isto se deve, entre outras coisas, à grande paixão do brasileiro e do português pelo futebol. Com a observação das narrações esportivas e dos comentários na televisão e no rádio, notamos como é criativa e expressiva essa linguagem, como são criados termos novos e até praticados alguns desvios lingüísticos, próprios da emoção e descontração do esporte.

A comparação de alguns termos específicos do futebol usados em Portugal e no Brasil pode mostrar, por exemplo, os tratamentos que cada povo dá aos estrangeirismos. No entanto, uma comparação mais completa poderia ser feita a partir de uma pesquisa com base nas narrações e comentários esportivos de Portugal, para que se aponte como os valores expressivos da linguagem de um esporte muito popular influenciam o comportamento das pessoas. Já há alguns estudos nesse campo, mas há muito material ainda a ser analisado, principalmente nessas relações entre o linguajar esportivo adotado por brasileiros e portugueses, ambos bastante representativos da língua comum do Brasil e de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 15ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- CUNHA, Celso. "Em torno dos conceitos de gíria e calão" In: *Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: s/ed., 1941. p. 65-97.
- FEIJÓ, Luiz C. Saraiva. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- ". "Aspectos da gíria no futebol". In AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Miscelânea filológica em honra à memória do professor Clóvis Monteiro*. Rio de Janeiro, Editora do Professor, 1965. p. 141-9.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1974.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Lexicon, 2000.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1995.
- MURAD, Maurício, Ed. *Pesquisa de campo: futebol e cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural, 1995.

@ @ @ @ @ @

N. do Org.: Adaptação de parte da dissertação de Mestrado intitulada "A Linguagem do Futebol: estilo e produtividade lexical", defendida em março de 1998 (IL – UERJ).